**ANA MARIA MACIEL**

**Início da transcrição**

**Boa tarde Ana.**

* Boa tarde

**Obrigado por aceitar o nosso convite. Ana eu queria que você contasse a sua história de vida.**

* Bom é assim, da parte do esporte não é.

**Aí é você que escolhe, pode começar lá onde você nasceu.**

* Bom, ah vou começar quando comecei a, quando encontrei a ginástica não é, é eu tinha 5 anos de idade na época e eu comecei a fazer ginástica olímpica, e eu fazia ginástica olímpica aqui em Londrina... é, chamava Alda o ginásio, e aí eu tive uma queda assim horrível um dia na trave, fui fazer um salto e caí de cabeça .

**Ah.**

* E aí eu fiquei muito traumatizada e passei a ter medo dos aparelhos e meu desenvolvimento estacionou ali não é. Eu não conseguia mais aprender a fazer as coisas e foi aí que descobri a ginástica rítmica, a minha irmã também fazia ginástica olímpica aí um dia ela falou que nossa! que tem esporte legal achei tão bonito, e na época era assim não é. Você falava que fazia ginástica rítmica a pessoa, ginástica o que? Ninguém sabia o que era é, já perguntava ah é aquele das piruetas, não é aquele das fitas. A gente tinha que explicar. Hoje acredito que não tem mais isso não é, ou menos, mas na época ninguém conhecia, ninguém sabia o que era ginástica rítmica, então comecei aqui no Moringão em Londrina e me destaquei muito rápido, eu comecei treinando assim só de terça e quinta à tarde, aí depois teve uma seletiva e eu fui pra UNOPAR.

Que era onde ficava a seleção brasileira, fui pra UNOPAR devia ter uns 7 anos de idade e ali eu fui e comecei.... É tanto é que, quando eu fui pra seleção brasileira eu entrei eu era da reserva, da reserva, da reserva, da reserva, da reserva e muitas pessoas achavam assim que eu não tinha condição nenhuma de ser titular de competir, de representar o Brasil. E, mas assim quando a gente quer muito uma coisa não é, eu queria muito, então é eu lembro que mudei de escola essa era uma questão muito importante para a minha família, minha mãe ficava em pânico de eu ficar faltando da escola, porque chegava perto da competição tinha que treinar o dia inteiro.

**Sim.**

* Viajava, ficava 15 dias 1 mês fora, daí voltava passava um tempinho e viajava de novo perdia muita aula e o colégio que estudava na época passou não aceitar esse tipo de coisa. Tive que mudar de escola, que é assim a escola era uma coisa muito pra minha mãe principalmente, não é. Ela ficava em pânico e ela chegou a pensar assim que não dá, se não dá pra estudar não dá pra fazer ginástica.

E quem conversou assim com a minha mãe, eles conversaram comigo perguntaram o que eu queria e as implicações que aquilo poderia me trazer no futuro caso não estudasse pra fazer ginástica, e aí o meu pai falou, falou: “não, deixa ela fazer o que ela quiser, porque o que ela vai aprender lá viajando com a equipe, tudo, não vai aprender em escola nenhuma”. E foi aí que eles começaram, passaram a apoiar mesmo, e então mudei de escola, aí depois eu tinha, sempre ficava assim: o que eu preciso ter pra ser da equipe titular, o que preciso ter? Eu sempre ficava pensando e cada hora é uma coisa, pra você ter uma ideia, chegou uma um momento que tinha problema de altura, porque como eu era uma atleta de conjunto, conjunto tem que ser homogênea não é.

**Sim.**

* E eu era mais baixa, do que as demais do conjunto, então eu procurei um endócrino, fiz um tratamento pra crescer, até isso eu fiz.

**Nossa!**

* Fiz um tratamento pra crescer pra ficar do tamanho do conjunto pra poder entrar.

**Sim**.

* E eu não tinha assim tanta elasticidade não é, então eu era mais limitada, mas eu tinha bastante manejo de aparelho, então eu tinha muita noção de espaço então eu conseguia, lançar bem os aparelhos consegui recuperar mas o meu corporal não era muito bom digamos assim. E então muitas pessoas achavam que eu não tinha condições que eu não ia conseguir mesmo eu já ouvi isso muitas vezes, é pessoa dizendo: não, você não vai consegui não é pra você, e aquilo assim nunca, eu não nunca eu assim escutava, mas não ouvia sabe. Porque eu queria muito. Então eu pensava assim, não quem pode decidir o que eu posso fazer ou não sou eu, não é.

E aí teve também a Camila Ferezin que na época ela era a auxiliar técnica, e ela acreditou muito em mim, ela via a minha vontade de tá ali, e às vezes meninas que eram titulares não tinham de repente a vontade que eu tinha. E através de mim ela até conseguiu provar, não é, o valor dela como profissional porque ela fez um milagre em mim mesmo assim pra eu tá ali, e então ela pegava muito no meu pé, o treino acabava ela dispensava todo mundo, eu não, eu ficava ali. É muitas vezes eu ficava à noite e na época eu já estudava à noite então eu matava aula pra treina não é. Tudo pra poder entra, aí numa teve uma oportunidade que uma das titulares se machucou aí eu tive que ficar no lugar dela pra poder treinar naquele dia.

**Sim.**

* E depois daquele dia nunca saí, do conjunto não é, aí fiquei comecei a competir teve uns campeonatos uns amistosos fora do País aí na sequencia teve o mundial aí teve os jogos Pan-americanos e depois a Olimpíada. E quando eu cheguei na Olimpíada já estava bem cansada assim porque é o treino não era fácil e a gente vivia machucada. E atleta vive machucada não tem como. E eu assim até que machuquei pouco durante a minha carreira, mas na época das olimpíadas parece que assim que tudo estava acontecendo pra não dar certo sabe.

**Você teve alguma lesão grave?**

* Então eu tinha um desvio muito sério na coluna, até na época dos jogos Pan-americano que eu estava bem mal mesmo, e o problema que a gente não tinha tempo pra se recuperar que a gente treinava muito. Se a gente ficava uma semana sem treinar a gente retornava era um desastre o treino já, porque a gente tinha que pra atingir a perfeição que tinha que ter a gente tinha que repetir muitas e muitas vezes o movimento, então às vezes a coreografia estava perfeita, então se a gente pegava uma semana de férias voltava era um desastre, a gente já perdia a noção de força, noção de espaço já era terrível.

Então, é, no ano antes da Olimpíada eu tive, estava bem ruim da lesão já e até o fisioterapeuta e o ortopedista da equipe na época falaram pra Barbara não, é que era a minha técnica. Que eu não teria condições, de que eu não ia chegar que ainda faltava um ano para a olimpíada eles falaram: “ó ela não ia conseguir chegar, que do jeito que tá a coluna, ela não vai aguentar”. Eu fazia muito fisioterapia, e eu aí assim, chegou assim no ano da Olimpíada a gente teve um acidente no treino, não é que a gente tinha um movimento que a Daiane, é fazia um salto é ,e eu basicamente não é tinha um movimento que ela passava assim por dentro de mim assim, não é, no salto e aí teve um acidente e ela acabou pegando assim na minha coluna e eu caí e desmontou a estrutura toda ali que ela passava por dentro. Aí e nesse acidente eu machuquei mais ainda a coluna que ela acabou batendo o pé bem do lado daqui da costela, acabei machucando mais ainda e aí trinquei a tíbia e quebrei um dedo do pé ainda pra ajudar, ah só que o dedo demorei pra descobrir.

Então aí inchou, ficou roxo, eu falei ah, fui fazer o Raio X estava quebrado não é, e a tíbia eu quebrei tudo nesse dia e eu não pra recuperação da lesão óssea teria que ficar muito parada não é. Não dava tempo mais, isso era no começo do ano a olimpíadas seria em agosto, alguma coisa assim, então eu não tinha tempo mesmo, e eu fiquei treinando daquele jeito durante todo esse tempo. Fui pra olimpíadas machucada e a Barbara até...e assim eu lembro que não tinha pessoa assim pra colocar, substituir e eu não queria não é.

**Claro.**

* Ser substituída, é lógico, aí eu lembro que ela até veio conversar comigo e perguntou se eu achava que ia conseguir, porque senão ela já ia me substituir, aí eu falei: “não, eu vou conseguir pode contar comigo”. Eu nunca deixei a equipe na mão assim em nenhum momento.

**E como que era isso, ver o seu sonho chegando e uma lesão, como que foi?**

* Então era complicado, mais era assim eu tinha que me poupar um pouco mais no treino não é. Às vezes uma preparação física mais puxada, eu tinha que fazer com mais calma, e eu não conseguia fazer o treino todo, por exemplo, a gente repetia vamos supor 12 vezes a coreografia eu não conseguia fazer. É dar o meu máximo nas 12 não é. Então eu fazia, por exemplo, é, às vezes marcado saltos e eu não fazia todos os saltos e aí uma delas eu fazia tudo, porque é diferente não é, você treinar fazendo salto e treinar fazendo sem salto.

**Sem salto.**

* E então era basicamente assim, quando eu fui pra lá quando a gente foi pra Atenas lá o treino é mais puxado muito mais intenso não é, do que é aqui. Aí entra o fuso horário, entra a adrenalina, entra que meu, estou aqui estou chegando não é. É entra tudo isso, então lá assim ficou um pouco pior não é eu ficava mais cansada, mas no fim na hora você esquece tudo. Na hora não tem lesão, não tem nada.

**Durante todo esse período como que foi lidar com a dor?**

* Ah era uma coisa eu acho assim que o atleta é acostumado, não é, a lidar com a dor porque só a gente sabe mesmo a dor que a gente sente de estar realizando. Mas a ginástica que eu vejo que é uma coisa assim é a superação dos próprios limites do corpo mesmo não é, é, mas a gente acaba se acostumando depois de um tempo a gente nem sente mais é ruim quando acorda, aí depois...

**Esquentou**

* É, depois esquentou, a gente esquece. A concentração ajuda bastante também na hora do treino, mas assim tem que ter uma gana violenta, assim, tem que ter muita vontade porque senão, não chega lá.

**E como caiu a ficha, conseguir, como que foi?**

* Nossa então acho que só lá mesmo, na hora assim um dia antes da competição a gente sempre se reunia, fazia uma oração, conversava não é. E a Daiane era a única, não é, que já tinha ido pra olimpíadas de Sidney, e aí a gente, o resto era todo mundo era novato todo mundo estreante de olimpíada a gente ficava: gente do céu chegou o dia é amanhã e agora, meu Deus era assim não é, aquela coisa. Aí no dia que a gente acordava a gente só ficava olhando assim oh, a gente sentiu o nervosismo uma da outra, aí depois na hora a gente treina tanto. Mas a hora que chama o País assim não é que entra no centro de treinamento que chama o País pra ir pra área da competição aí o coração dispara mesmo.

**Sim.**

* É uma adrenalina que você deixa de sentir o seu corpo assim. Parece que você não está ali é uma coisa, é uma coisa assim que acho que nunca mais vou sentir na minha vida.

**Qual o papel da Daiane ali pra vocês?**

* Nossa, a Daiane, a Daiane antes de eu entrar nossa eu sempre fui fã não é todo mundo nossa se eu tiver que ser alguém quero ser a Daiane era assim, e a gente sempre ficava assistindo o treino, a gente é muito fã principalmente da Daiane, da Camila, aquela equipe que foi pra Sidney.

**Sidney.**

* É que a gente acompanhava não é. A gente treinava no mesmo lugar, então a gente acompanhou tudo o que aconteceu, todo o esforço delas tudo o que elas passavam a gente se espelhou naquela equipe, é, eu acho que principalmente eu e a Jeniffer não é que treinávamos ali na mesma, no mesmo espaço, e aí quando a gente entrou assim a Daiane era capitã da equipe não é, ela sempre desempenhou essa função como ninguém. Então quando ela via que a equipe que a gente estava fazendo corpo mole, ela dava aquela bronca não é, quando a gente estava pra baixo ela vinha colocava a gente pra cima e sempre incentivando. Ela sempre, ela e a Barbara, ela sempre incentivava a gente contando um pouquinho como é, como era é, como era chegar lá, como é estar lá, como era não é.

Então aquilo é, fazia a gente ter vontade de tá ali, mas elas assim desempenhavam um papel fundamental dentro da equipe, até quando a seleção é depois da olimpíada que a gente retornou o treino que teve aquele problema que acabou a ginástica, a seleção em Londrina. A Daiane ia ser técnica não é, ela ia acabar sendo auxiliar técnica e eu ia ficar como capitã da equipe não é.

**Ah tá.**

* E eu pensava assim que nunca vou conseguir ser igual a ela, eu tentava que aprender, a gente aprendeu muito com ela assim ela ensinou muito que ela era bem mais velha não é, tinha muito mais experiência. Então ela ensinou, tentava passar um pouquinho assim do que ela sabia, mas é o mais importante mesmo mais do que falar é a atitude não é. Acho que isso é em tudo na vida da gente e ela era um exemplo realmente.

**Ok, e os jogos.**

* Ah os jogos, nossa, foi muito bom, assim só tenho boas lembranças dos jogos porque o Brasil era favorito não é. Aí tinha aquela pressão que a gente tinha é tinha que ganhar tinha aquela pressão da federação, de todo mundo que estava ali envolvido, e mais, foi muito gostoso a gente foi lá, era favorito nosso é nossa equipe estava muito forte, a gente vinha apresentando muito bem. E, mas assim, foi uma emoção muito grande, ainda a gente conseguiu as 3 medalhas de ouro. E na época a gente tinha uma série muito difícil na época e a gente conseguiu acertar tudo, foi um show maravilhoso, não é. Porque ali na hora da competição, ginástica além de muito treino precisa de um pouquinho de sorte também não é, porque ali se você, às vezes se você não tá no dia normal.

**Um centímetro no lançamento.**

* É já era, não é.

**Já era.**

* Se você não tá no dia bom não é isso acontecia muito no treino, é um dia que uma não está bem porque o conjunto são 5, se uma não tiver bem o treino era péssimo. As coisas vão mal mesmo, não é. Aí lá a gente teve muita sorte assim deu tudo muito certo e a gente teve um problema lá muito grande com o vento, não é. Porque o ginásio ele tinha as laterais abertas e a gente ia se apresentar com 5 fitas. É e assim, conjunto de 5 fitas.

**Essa eu não sabia.**

* Conjunto de 5 fitas, eles...já é um caos naturalmente, não é. Imagina 5 fitas de 6 metros ali nos 13 por 13 no do espaço, então a fita ela já é pesada tem que ter muita força no braço porque tem uma série de regras, a fita não pode encostar no chão, não pode ficar parada, tem que estar sempre em movimento tem várias coisa que a gente precisa prestar atenção. Por exemplo, a fita não pode encostar fora da linha vermelha não é, entorno do tablado, e aí o que aconteceu, é, lá ventava muito então no primeiro treino foi horrível já, a gente: “meu Deus do céu não tem condição”.

**Pô mais isso em Atenas**

* Não isso nos jogos...

**No Pan.**

* São Domingos

**Ah tá, no São Domingos, certo.**

* Então a gente ia lançar uma fita, a gente ia lançar a fita pra cá e a fita fazia assim ó, mudava de direção por causa do vento. E aquilo assim deu um desespero, mas a gente assim no meio a gente ria sabe. Porque a fita não obedecia a gente assim, e fazer a fita ia pra outro lado e às vezes ia fora da quadra não é, no treino, e aí a Barbara teve que conversar com a direção lá do evento. Falar que isso estava acontecendo e mais também, não teve o que fazer porque a estrutura do ginásio é aquela mesma, mas chegou na hora da competição parece assim que tudo parou, o vento parou, não teve nada, sabe?

**Sim.**

* O vento começou assim depois que a gente apresentou, então assim foi tudo perfeito graça a Deus. Deu tudo certo porque ali tinha tudo pra dar errado.

**Um espetáculo.**

* Conjunto de fita com vento.

**Sim**.

* É desastre na certa.

**Aí no ano seguinte veio Atenas?**

* É.

**O quê que muda de um Pan-americano para uma Olimpíada?**

* Nossa, muda tudo porque assim quando a gente foi para o pan-americano como eu te falei a gente era favorito a medalha, então a gente estava, a gente via que a gente tinha um nível melhor, não é, que os outros conjuntos...é, a gente só lógico poderia acontecer de a gente não ganhar essas medalhas é por aquele fator que eu te falei da sorte daquela coisa do momento.

**Sim.**

* É de atingir, conseguir atingir a perfeição ali na hora, mas na olimpíada não. É...a gente tá com as melhores do mundo não é. Então chega lá tem as Russas, tem Ucranianas, tem Búlgaras, não é. E elas sim tem, elas tem o biotipo perfeito para o esporte. E a gente vê as coreografias delas tem um nível de dificuldades assim impressionante. São coreografias muito difíceis, não é. Elas têm colaborações difíceis e a gente é assim a gente é um pouco fã, não é. Então, assim, não é, nesse caso nossa, são as melhores do mundo, não é. Então a gente queria estar assistindo a competição. Pegar até ideias não é, dos discos originais pra trazer para o Brasil. Então assim muda tudo, a gente vai pra lá, por exemplo, a gente tinha uma dieta muito severa, não é. A gente não podia comer quase nada e a gente chegava lá, a gente passava a se achar gorda perto delas, não é. Nossa, mas a gente tá gorda perto delas porque elas, é...realmente elas são muito magras, elas tem um biotipo diferente do biotipo das brasileira, não é.

Para o esporte, então, enquanto as brasileiras são mais encorpadas tal, elas não. Elas são, é, longilínea assim total. Elas não tem corpo nenhum, e elas são muito altas também. Então a gente chegava perto delas a gente ficava incomodada, então normalmente a gente chegou lá primeira coisa dieta e tentar emagrecer mais um pouco, não é. Então todo mundo entrou na dieta. Então nas Olimpíadas teve, tinha isso assim, não é. Em todas as competições isso existia, mas na olimpíada foi mais. Que lógico que a gente queria estar maravilhosa no dia da competição, não é. E a gente foi um mês antes pra lá, então tinha isso treinava muito, comia pouco, então assim isso já é um pouco incoerente, não é.

**Certo.**

* Então a gente treinava o dia inteiro e comia pouco, é...então é, a gente tinha menos energia mais tinha que treinar muito. Então tinha essa dificuldade. A gente tinha a gente tinha que superar a cada dia isso assim, era assim lá. Praticamente carboidrato a gente não comia, praticamente nada, só no dia da competição, não é. Então a gente, até as outras atletas dos outros esportes tiravam muito sarro da gente, não é. Porque o restaurante da vila olímpica é maravilhoso, não é.

**Pois é.**

* Lá tem, é tem é, culinária assim do mundo inteiro, e só tem coisa boa, não é. Maravilhoso, e a gente...tinha atleta lá que nossa, que comiam muito, muito mesmo. Tem esporte que eles comem muito, e a gente, nossa, pegava o prato e ocupava isso do prato, era assim quase nada.

**Eu ia te perguntar exatamente isso não é como era fazer dieta na vila olímpica.**

* É nossa, foi difícil hein, foi complicado e a gente pensava assim: não, só mais um pouquinho, eu vou poder comer pelo menos. Porque a gente não podia, não é, voltar a perder tudo aquilo, porque pra gente chegar naquele nível corporal que a gente estava ali naquela, naquele momento, a gente não podia botar tudo isso a perder por causa da comida, não é.

**Claro.**

* Então a gente entrava no restaurante, a gente já ia para o lugar do restaurante que a gente tinha coisa que a gente podia comer e a gente nem olhava para o McDonalds. A gente nem olhava assim, ia direto pra onde a gente podia comer. Então a gente comia assim muita salada, fruta, é, legumes, peixe, ave, e queijo branco assim, coisa bem leve mesmo.

**Pensei que era liberado.**

* Basicamente que eu me lembre assim, único carboidrato do dia era um café da manhã, era o único, não tinha outro, não tinha outro momento que a gente comia carboidrato é só ali. Doce nem pensar, refrigerante nem pensar, não é...é, assim é esse negócio de ficar sem carboidrato de ficar dessa dieta tão rígida, é traz um certo, um certo estado depressivo, não é. E isso é comprovado inclusive é que as pessoas fazem, nós fizemos aquela dieta de carboidrato não é, de proteína, desculpa.

**De proteína.**

* Só comia proteína, isso traz, dá uma depressão, um mau humor, não é? Aí quando você come carboidrato você fica dando risada.

**Como droga não é.**

* Isso acontecia, é como se fosse isso, a gente dava risada, a gente tinha crise de riso quando a gente se reunia. A gente ficava no alojamento aqui em Londrina, aí às vezes no alojamento a gente pedia pizza por exemplo.

**Sim.**

* Nossa, a gente ficava assim rindo sozinha assim, é, a gente não sabia o porquê que a gente estava rindo, mas era por causa da pizza mesmo.

**É o efeito do Carboidrato**

* Era o efeito da pizza, a gente começava a associar, nossa, toda a vez que eu como pizza, nossa dá uma alegria tão grande era mais ou menos assim, sabe? Mas essa assim essa parte da comida é muito complicado, muito complicado.

**Você teve alguma dificuldade com a alimentação?**

* Não, eu não tive.

**O seu objetivo foi tranquilo?**

* Não, eu não tive, mas assim, mas a gente tinha meninas tinha mais facilidade...

**Mas o rigor existe não é?**

* É existe, é que por mais que você seja magra, sempre existe o medo de engordar. Porque é assim essa idade, por exemplo, eu fui pra Atenas eu tinha 17 anos.

**Certo.**

* É, então, como a gente já tem, a gente tem que manter um nível de gordura muito baixo, não é, no corpo. Então nessa época eu, por exemplo, tinha oito por cento de gordura no corpo, e então assim a gente, a gente menstruava muito tarde por conta disso, a gente acabava menstruando muito tarde por causa disso. Então é aquilo, não é, a mulher quando menstrua muda tudo, então bem nessa época da categoria adulta quando a gente estava ali no auge, não é, a gente começava a ter problema de peso. Normalmente acontecia isso porque as meninas começavam a ficar adolescente, não é. Começava a encorpar, e não podia não é. A gente tinha que lutar contra isso, e era bem nesse momento que a gente estava na categoria adulta ali lutando por uma vaga na seleção ou lutando por uma vaga na olimpíada. Então assim tinha meninas da equipe que elas tinham mais dificuldade, é, que isso entra um pouco de tendência também da própria genética da pessoa, não é.

Então, por exemplo, tem pessoa que tinha mais facilidade pra engordar, e tem sempre tem aquelas pessoas que comem e não engordam, não é. E tem aquelas pessoas que não comem quase nada.

**Engordam.**

* E engordam. Tem mais dificuldade, então as meninas que tiveram esse problema, elas sofreram muito mais, muito mais mesmo. Eu assim acho que nem não tive tempo de ter problema porque eu fui muito nova pra olimpíadas não é. Então assim quando eu, é, voltei aí sim, quando eu parei de treinar em um ano assim engordei, tive um ganho de peso muito grande.

**É mesmo?**

* Aí depois que comecei, depois aí no ano seguinte comecei a emagrecer.

**Sim.**

* De novo, não é, hoje eu peso quase o que eu pesava na época, mas eu cheguei a engordar uns 10 quilos.

**Nossa.**

* No primeiro ano. Porque realmente a gente era muito magra não é. E mas assim, essa parte da comida é bem complicada mesmo, porque além de treinar as meninas que tinham problema não é, elas já comiam menos, treinavam o dia todo e no final do dia elas ainda tinham que correr.

**Caraca**

* Então ainda tinha que correr, porque o treino ele não era aeróbico, não é. Era uma atividade anaeróbica, então.

**Isso**.

* Não tinha perda queima de gordura, então depois tinha que, tinha que fazer atividade aeróbica pra poder... pra poder perder peso.

**Mesmo morando aqui em Londrina você chegou a morar no alojamento ou não.**

* Então.

**Como você comentou que estava lá.**

* Eu cheguei a ir para o alojamento sim

**É não é.**

* Porque era assim é, é, eu e ficava no alojamento durante a semana porque a gente treinava das oito.

**É.**

* Até seis horas da tarde.

**Nossa.**

* É a gente almoçava.

**Isso.**

* E era assim. Teve uma época que a gente teve uma alimentação específica, era uma alimentação especial não é pra nós assim, então a comida já vinha todas as refeições já vinham é embaladas, assim separadas.

**Já me contaram das 5 ervilhas.**

* É, então assim a comida já vinha separada.

**Essa história é antiga.**

* Então por exemplo se eu levasse essa comida pra minha casa eu não ia comer essa comida.

**Claro.**

* Não é, eu ia comer a comida e a minha mãe morria de pena, não é. Porque nossa é aquela coisa: ela está tão magrinha. Não é, porque pra mãe...

**Ah Sei.**

* A mãe não entende essa parte, não é que então assim quando eu ia pra casa no final de semana minha mãe fazia tudo que eu gostava. Aí um dia eu falei pra ela, mãe você tem que me ajudar, você não está me ajudando não é. Porque eu chegava ela fazia as coisas que eu mais gostava, e já antes de eu ir para o alojamento já aconteceu assim de eu chegar em casa e ter alguma coisa que eu gostava muito e eu querer comer. E eu não podia porque, por exemplo, no outro dia ia ter pesagem.E eu pegavauma maçã e iapara oquartoassim.

**Sim.**

* E não ficar ali pra não comer.

**Fugir.**

* É fugir, e na época a gente estava muito cansada. Então a gente fica...a comida fragiliza, sabe assim? E a minha mãe às vezes aí ficava chateada porque não comia o que ela tinha feito, sabe? Aí eu pegava e ficava no alojamento mesmo. Lá eu já tinha comida e comia, e aí fim de semana eu ia pra casa.

**Certo.**

* Não é, aí de fim de semana não seguia a dieta, nem levava a comida de lá, não é. Comia, fazia a dieta durante a semana, mas como eu não tinha um problema assim de peso então, às vezes se eu comece, se eu extrapolasse final de semana eu conseguia.

**Recuperar.**

* Perder rápido.

**E depois das Olimpíadas você volta pra Londrina.**

* Então voltei pra cá, aí teve um...a gente...teve ainda um campeonato brasileiro pela Unopar, não é. Porque eu era do clube, não é, Unopar.

**Sim.**

* Então a gente, então participou do brasileiro e a Daiane parou. E aí quem teve outras pessoas que pararam também, e aí tinha meninas assim que já estavam naquela situação que eu estava quando entrei, de ficar de reserva da reserva da reserva da reserva.

**Sim.**

* Esperando a oportunidade de entrar na seleção.

**De entrar.**

* Então já tinham meninas que estavam nessa situação. E aí essas meninas elas estavam assim: “não, agora vai, não é”.

**Sim.**

* Agora é minha vez, é porque agora está renovando, está começando um ciclo novo, tenho chance de entrar. Então a gente voltou desse brasileiro, a gente teve um período de férias e aí a gente...a Barbara entrou em contato com a gente pra voltar, retomar os treinos, não é, no ano seguinte. E aí eu nunca vou esquecer desse dia, não é, eu estava na casa de uma menina que é uma dessa que esta esperando pra entrar que o nome dela também era Jeniffer.

**Sim.**

* Eu estava na casa dela e aí a Barbara ligou pra que ia começar o treino volta dia tal, e aí eu estava na casa dela e eu dormi na casa dela nesse dia e a gente foi pra Unopar, pra começar então. A gente acordou cedo, saímos do mofo, fizemos coque, tal, pegamos aparelho colocamos o arco de baixo de cima do ombro e fomos pra Unopar. Aí chegou lá e a gente estranhou porque não era no ginásio era no escritório da Barbara.

**Sim.**

* Aí a gente pensava: ah, vai fazer uma reunião, não é, vai falar alguma coisa. Aí a gente sentou lá, a gente botando papo em dia, tava um tempão sem se ver tal, aí a Barbara joga o balde de água fria na gente, não é, falando que a seleção tinha encerrado em Londrina. Ela explicou umas questões políticas que aconteceram, é, uns problemas que, que ela teve junto com a Confederação Brasileira de ginástica, e aí ela simplesmente ela falou: “ó gente, então não tem o que fazer, acabou, a seleção não...eles tiraram a seleção de Londrina, não tá mais aqui”. E ainda entrava outras coisas assim, por exemplo, é, eles falavam assim que a seleção brasileira não ia aceitar a ginasta da Unopar porque, por causa dessa questão política.

Então é, por exemplo, na época tinha três de Londrina, não é. Que era a Jeniffer, a Daiane, e eu tinha três ginastas de Londrina que foram pra Olimpíada. Aí com essa outra Jeniffer que estava entrando, seriam quatro já então. A Daiane já tinha parado, então tinha ficado as duas Jeniffer e eu, não é. É...aí eles falaram, falava assim: “olhe, eles não vão aceitar, eles não vão passar na seletiva uma ginasta da Unopar”. Por causa dessa briga, não é. Então, assim, esse dia a gente ficou assim: gente, será? A gente não conseguia acreditar não é, que tinha acabado tudo assim, porque com certeza foi a melhor fase de todo mundo, eu acredito assim até hoje. E aí tá, acabou a reunião a gente saiu e assim é uma cena que eu nunca vou esquecer. Assim, todo mundo se abraçando, chorando, se despedindo mesmo, sabe? Foi muito triste, muito triste mesmo, e, mas assim eu ficava assim: não, e a Barbara ama ginástica. Eu pensava assim, não ela vai fazer alguma coisa, não vai ficar assim, ela vai fazer alguma coisa pra reverter a situação, mas no fim não teve como mesmo e...

**Sim.**

* Aí acabou e depois a gente já teve notícias que teria uma seletiva, mas aí como a Barbara saiu ninguém quis participar, aí ninguém foi.

**Aí foi pra Vitória.**

* Aí foi pra Vitória

**Vocês fizeram seletiva pra ir pra Vitória?**

* Eu não cheguei a fazer seletiva, e porque, não é...era aquilo, a gente era muito, a gente era uma família mesmo, não é. Era como, como se a Barbara e a Camila fossem as mães ali e a gente as filhas, não é. Elas cuidavam da gente e a gente era como se fosse, era como se a gente fosse irmã. A gente se amava realmente. Então eu pensava assim, eu vou ir treinar com a outra técnica vou ter que, vou sair da minha casa pra ir pra outra cidade, pra treinar com a outra técnica e sem a minha equipe, não é. Eu pensava assim: o que vai ser de mim sem a minha equipe, não é, eu pensava e aí eu falei: não, eu não vou.

**Sim.**

* Optei por não ir fazer seletiva.

**E a partir de então o que você decidiu? O que...**

* Nossa na depois que aconteceu

**O que aconteceu? Qual é Ana...**

* Quando isso aconteceu, nossa, fiquei completamente perdida, completamente perdida.

**Eu imagino.**

* Foi assim o mesmo sentimento de quando eu terminei a minha graduação. Eu ficava assim: “e agora, não é, o que vou fazer, pra onde eu vou?” E, só que é assim a graduação você sabe, não é, que depois de quatro e cinco anos vai acabar. Agora ali não, foi pego de surpresa.

**Pego de surpresa**?

* A gente foi pego de surpresa mesmo e, e assim, até então pra eu resolver o que eu ia fazer na faculdade, porque como eu fui pra Olimpíada com 17 anos no ano seguinte eu prestaria vestibular, então estava bem nessa época, só que eu queria primeiro resolver o que quê eu ia fazer com a ginástica, a ginástica era prioridade na minha vida. Então dependendo do que acontecesse com a ginástica, eu ia resolver o que ia fazer da outra parte.

**Certo.**

* Então, eu quando ela falou que ia acabar eu fiquei...nossa, fui pra minha casa contei assim pra minha mãe, para o meu pai, eles não acreditaram assim, eles falaram: “nossa, sério!? E agora?” Não é, então vai e agora então assim, minha mãe ainda queria que eu fosse fazer a seletiva e queria que eu continuasse, e ia ter o Pan do Rio, não é. Aí eles ainda queriam, mas, aí eu também estava machucada...é, esse problema que eu tive quando eu fui pra Olimpíadas, da tíbia trincada, do pé, do dedo quebrado e a coluna, eu demorei um ano pra me recuperar depois disso, não é. Foi um ano fazendo fisioterapia e tal, tomando remédio pra poder me restabelecer. Então eu fui fazer vestibular, aí eu optei por fazer farmácia, eu sou farmacêutica.

**Farmacêutica.**

* Aí eu fui fazer faculdade de farmácia.

**Mudou totalmente**.

* Eu gostava muito de química, não é, na época. Gosto ainda, não é, tem que gostar não é. Então eu gostava muito de química, de biologia, eu gostava da área da saúde e eu pensava assim, até pensei em fazer educação física também, não é, que a maioria faz, não é. Educação física, aí eu pensava assim gente eu gosto, eu gostava de treinar, mas eu não gostava nunca fui muito boa pra ensinar assim, sabe. Nossa, mas o que vou fazer, não é**,** eu não gosto de ensinar, não sei ensinar. Aí eu falei: “não, eu não vou ter sucesso”. E aí eu fui fazer outra coisa, não é, até então eu vivi ginástica dos quatro anos até os dezoito, até quando eu entrei na faculdade. Todo o dia eu ia no ginásio falar com a Daiane, falar com a Virgínia que era a outra técnica que tinha, a Camila. Ia lá ficar com elas, assistir o treino, dar palpite lá no treino delas. Até na, no meu terceiro ano de faculdade era, foi assim, ficava indo lá todo o dia no ginásio e aí bate aquela saudade.

**Porque, teve um grupo que se manteve treinando mesmo sem a seleção teve?**

* Teve.

**Teve o Grupo da Unopar, ele ainda...**

* É, ele ainda continuou.

**Ele ainda continuou?**

* Eu não continuei. Eu optei por parar mesmo. Eu fique muito triste com a, com a, com o fim da seleção em Londrina. Porque, querendo ou não, a Unopar manteve, não é, a seleção brasileira. A gente treinava em condições assim que, quem é atleta assim de ponta vê, não acredita.

**Sim.**

* E a Unopar manteve mesmo, desde se não me engano de 92 a seleção brasileira lá. Eles bancaram a seleção brasileira que a gente não tinha incentivo nenhum da federação. A da confederação brasileira tudo que tinha de incentivo era para ginástica olímpica, não é, a gente não tinha quase nada...é, já aconteceu...

**E vocês pegaram uma época que a Daiane dos Santos ela estava estourando não é.**

* Na época era ainda a Danielle Hipólito.

**Danielle Hipólito.**

* É, era ela ainda, Daiane dos Santos não tinha.

**Foi em 2008.**

* Ainda não tinha despontado. E chegou a acontecer um episódio eu, eu não estava nessa equipe, mas é, eu fiquei sabendo disso sim, que a equipe da ginástica rítmica foi pra um campeonato se eu não me engano pra Bulgária, e tipo assim, simplesmente a equipe ficou presa no aeroporto porque o visto não estava ok, entendeu?

**Está certo.**

* Então assim, é descaso mesmo, não é. Você viajar pra tão longe e a gente chega tão cansado, tem que ficar no aeroporto esperando.

**Sim.**

* O visto não é.

**Liberar.**

* Esperar liberar. Então era tipo assim, essa **IBGE** ela largou, não é, a ginástica rítmica. E como a Barbara e a Elizabete, não é, que amava a ginástica elas fizeram tudo pra seleção chegar onde chegou. E se você vê o ginásio que a gente treinava, não tinha nem altura necessário entendeu? Então a gente às vezes lançava uma fita, a fita às vezes, a fita ficava presa no teto, não é. Lançava na parede aí batia e voltava com tudo. Então a gente não tinha assim, estrutura. Até vinha um técnico de fora, algumas vezes a Unopar que pagava. Esse técnico, técnica russa pra vim pra cá pra, pra nos ajudar e aí eu fiquei muito triste sim, eu fique...até diria que até meio frustrada assim com o fim da seleção brasileira e eu não queria treinar sem uma equipe aí eu falei ah.

**Demorou pra você assimilar isso tudo?**

* Demorou.

**Você acha que esse três anos de faculdade foi esse período de...**

* Demorou, eu...o que mais passava pela minha cabeça...voltar, passava pela minha cabeça voltar a treinar, mas como eu já estava muito tempo fora...é, assim, a carreira, a ginástica rítmica não é um esporte rentável, não é. E, eu pensava assim: gente, eu preciso estudar. Porque eu não vou fazer ginástica pelo resto da vida não é.

**Você já tinha isso em mente?**

* Tinha. E a carreira é muito curta, não é. Muito curta. É...a Daiane foi uma exceção, não é. Chegar com a idade que ela chegou treinando naquele ritmo, não é, ela foi uma exceção alegre mesmo, normalmente assim na época que eu treinava as meninas com dezoito, dezenove, vinte anos já estavam aposentando do esporte muito cedo, não é. Então eu pensava tem que estudar, porque o que eu vou fazer depois, não é? O que eu vou fazer pelo resto da minha vida? Não vou fazer ginástica pelo resto da minha vida, então eu pensava: então vou estudar já mudei de foco. Mas assim nunca deixei de acompanhar, não é.

**Sim.**

* Nunca deixei de gostar de ginástica.

**E o que você leva do esporte para a sua vida hoje?**

* Nossa, o esporte é completamente responsável pelo que eu sou hoje, completamente. Eu estava esses dias conversando com a Márcia Versani, não é, lá na Unopar. É, a gente fica é...a gente fica assim...a pessoa que fez, que era atleta assim, que praticou algum tipo de esporte ela fica muito disciplinada, determinada. Ela não aceita as pessoas falarem que não vai dar certo, não é. A pessoa, o atleta quando ele quer uma coisa ele faz aquilo acontecer, não é. E, no meu caso, a minha história foi assim, é, foi superação mesmo. Porque hoje analisando eu, por exemplo, nunca fui no individual, é, campeã brasileira, por exemplo, é, como foi a Larissa Barata, como Tayanne Mantovaneli, que a própria Daiane, não é, que elas se destacaram em campeonatos brasileiros. Eu não, então assim, eu fui que realmente eu tinha característica de conjunto não é, nunca tive característica individual. Tinha característica de conjunto. Tanto é que no conjunto, é, acho que nós chegamos a pegar acho que um segundo lugar no brasileiro, não é, no clube Unopar, quando eu fazia parte do clube ainda. Mas, assim, eu nunca competi em conjunto um conjunto de aparelho por exemplo. Esse conjunto que eu estou te dizendo que a gente, que a gente ficou em segundo era mão livres, não tinha aparelho nenhum.

Então a primeira competição de conjunto com aparelho foi na seleção brasileira. No meu caso, e eu tinha assim característica de conjunto, mas hoje analisando eu vejo assim que eu fico tentando analisar como eu consegui chegar lá, porque realmente eu, eu me superei mesmo. Lógico, teve é, teve assim pessoas chaves assim, que me ajudaram, não é.

**Claro**

* Eu não teria chegado lá por mim mesma sozinha, não teria conseguido. Claro que a minha força de vontade me ajudou, mas sem a Camila Terezin, sem ela, acreditou em mim totalmente. Ela foi uma pessoa que não duvidou que eu conseguiria um segundo. Tanto é que quando depois da competição assim que a gente saiu da quadra ela falou pra mim que estava muito orgulhosa de mim.

**Sim.**

* Sim de eu ter conseguido.

**Nossa.**

* Porque eu enfrentei tudo, todos os tipos de dificuldade que você possa imaginar pra conseguir chegar. E ouvi muito de muitas pessoas que eu não ia conseguir. Então hoje assim isso pra minha vida, eu tenho isso muito claro, se eu consegui fazer aquilo, eu posso o que...que eu não posso fazer?

**Pode fazer tudo?**

* Posso fazer tudo. Então isso é muito bom pra minha vida, eu ter isso na minha cabeça que hoje eu sei que posso realizar qualquer coisa.

**Que legal.**

* Então não, não eu não consigo dar assim ouvido pra pessoas que falam não. Lógico, você tem que ter, você tem que ter a consciência que tem, que tem coisa que não é pra você, mas quando você ama, não é, eu costumo, costumo dizer isso, a única maneira de você chegar ao sucesso é você amando o que você faz.

**É verdade.**

* Se você não amar o que você faz, seja qualquer coisa do seu trabalho você não vai ter sucesso, você não vai ser feliz.

**Sim.**

* Então é isso assim que eu tirei.

**Legal.**

* Pra minha vida.

**Bacana, Ana tem alguma coisa que a gente não conversou que, que aconteceu na sua carreira e é bacana você contar?**

* Ah eu não sei assim... aí teve um momento assim que quando eu era mais novinha, não é, assim categoria infantil eu tinha uma técnica não é, antes acho que você já deve ter ouvido falar dela Ligia Pissolato.

**Não eu não.**

Ela, ela ficou muito tempo na Unopar. Ela era, ela é técnica até hoje, é uma excelente técnica, não é. E eu fui a primeira equipe que eu treinei na Unopar foi com ela. E aí depois ela teve uns problemas, porque tinha...ela tinha a Márcia Aversani e a Barbara, basicamente tinha as três etapas, não é.

**Sim.**

* Então eu comecei com ela. E quando eu fui pra categoria juvenil ela saiu da Unopar, então eu fiquei sem, sem técnico.

**Sem técnico.**

* Meio largada, eu até cheguei a pensar em parar de fazer ginástica nessaépoca, porque eu fiquei meio largada aí tal. Aí eu fui pra equipe da Márcia Aversani.Aí pra você ter ideia, na equipe da Márcia no conjunto eu já era reserva. Pra você...como eu já era reserva, eu não tinha condição de ser titular nessa época, não é. E assim dessa, dessa equipe que eu comecei que começou comigo, eu fui a única que cheguei a seleção brasileira, a única. Mas provavelmente era a ultima, a ultima opção assim, não é: não, se tem alguém que não vai chegar é a Ana, alguém que não vai conseguir.

**Você provou que...**

* É, então quando eu fui pra equipe da Márcia eu já era reserva. E eu me destacava assim no individual, não é, nas categorias que eu competia no individual no Paraná, não em nível nacional. E aí quando, foi quando eu fui pra seleção brasileira, mesmo que a Camila me pegou pra Cristo ali que eu consegui.

**E aí ela te....**

* E aí eu consegui despontar, mas assim sem ela, eu sempre falo isso para ela, ela conseguiu provar o valor delas até através de mim assim.

**Como era essa relação técnico atleta** **pra você?**

* Ah era aquilo...gente, a gente sempre tem um pouco de medo do técnico, não é. O técnico é bravo, o técnico é bravo, o técnico dá bronca o tempo todo e é assim a Barbara....a Camila a gente tinha uma relação mais intima, não é, com ela. Que ela conversava mais com a gente, ela na época ela era preparadora física e auxiliar técnica. A Barbara ela só entrava na hora da coreografia, não é, então toda a parte de preparação corporal que é muito importante, a gente ficava com a Camila.

**Com a Camila.**

* E depois com a Barbara, mas é assim era muito bom, a gente tinha uma relação de, elas tinham o cuidado com a gente assim de mãe e filho mesmo.

**Sim.**

* Então nossa é, era as melhores lembranças que eu tenho assim da ginástica, era da relação técnica-atleta e a nossa relação mesmo da equipe. Não é que aconteciam coisas muito engraçadas assim é, por exemplo, a gente comia escondido, no alojamento, a gente tinha uma, uma, uma tia que cozinhava pra nós ali, não é. E a Barbara dava ordens pra ela assim é, pra ela, pra não deixar a gente comer mesmo. Ela está ali pra fiscalizar, então, por exemplo, acontecia, e já aconteceu, por exemplo, da gente pedir pizza e entrar pela janela do quarto pra ela não ver. E a gente trancava a porta e a pizza entrava pela janela aí ela batia, batia lá. A gente não abria. Depois ela entrava e estava aquele cheiro de pizza, não é. Aí lógico que ela sabia. Aí a gente escondia a pizza e escondia embaixo do colchão lá e ela entrava e aquele cheiro de pizza dentro do quarto, e todo mundo lá. Então isso acontecia assim da gente comer escondido, não é. E eram coisa assim muito engraçada...assim, a gente dava risada, a gente achava que estava sendo espertas não é. A esperteza era muito grande e depois quem sofria era gente, não é, porque, por exemplo, uma pizza dessa que a gente comia vamos supor numa sexta feira, rendia o sábado e o domingo a balada.

**Sim.**

* A nossa balada era pular corda pra poder queimar a pizza.

**Queimar a pizza, caramba.**

* Então era sábado, domingo, inteirinho pulando corda, colocava agasalho de frio assim,é...um sol.

**Psi, psi (ininteligível)**

* É, o sol na cabeça, aquele agasalho, cheio de roupa de lã agasalho.

**Que loucura**.

* Pular corda pra poder queimar gordura.

**Sim.**

* E era assim. A gente pesava de quinta feira, não é, chegava na quarta-feira ninguém tomava nem água mais.

**Pra não ter uma grama.**

* Pra não ter nada. Era...a gente era muito neurótica assim com o peso, não é.

**Sim.**

* Um grama assim já fazia diferença.

**É, o que tem toda a relação com a modalidade também não é não?**

* É, um grama já fazia diferença total. Então chegava na quarta feira, a gente já nem tomava água mais, já nem engolia saliva mais.

**Nada não é.**

* Pra não engordar não é, era mais ou menos por aí.

**Ai que legal mudar.**

* Acho que é isso assim, acho que eu contei tudo.

**Bacana, queria te agradecer muito por participar.**

* Eu que agradeço.

**Contar a sua história pra gente.**

* Foi um prazer.

**Prazer é todo nosso.**

* Prazer em participar desse projeto super legal.

**Obrigado.**